



# O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

## Elaboração Imediata DE CADERNOS DE REIVINDICAÇÕES

**U**MA das deficiências reveladas nas grandes greves de julho-agosto foi que, em muitas fábricas e empresas, os trabalhadores não definiram claramente perante o patronato as suas reivindicações particulares. É certo que, nas mais importantes empresas e na maioria esmagadora de todas, os trabalhadores expuseram (pelas comissões, reclamações em massa, etc.) os objectivos da luta. É também certo, que, mesmo nas empresas onde não foi feita uma exposição directa das reivindicações, os trabalhadores se lançaram na luta para atingirem a satisfação das necessidades gerais da classe operária, definidas nas palavras de ordem do Partido, que se tinham vulgarizado entre dezenas e dezenas de milhares de trabalhadores: aumento de salários, fornecimento de géneros, abolição dos descontos, justa fixação de categorias, integração dos subsídios de guerra nos salários, etc. Mas teria dado muito maior consistência ao movimento que, mesmo nas empresas que foram arrastadas para a luta, não por preparação anterior, não pela existência de organização, mas pelas marchas da fome, demonstrações de rua e solidariedade, os trabalhadores tivessem definido quais eram precisamente as reivindicações em cada uma dessas empresas.

É absolutamente possível e ne-

cessário que as organizações do Partido sejam de forma a que esta deficiência se não repita. Para isso **devem desde já ser elaborados cadernos de reivindicações em todas as fábricas e empresas, haja ou não nelas organização do Partido.**

Em cada empresa onde há organização do Partido, os nossos camaradas da célula devem imediatamente, de acordo com as Comissões de Unidade onde as houver e de acordo com a massa de trabalhadores dessa empresa, elaborar o caderno de reivindicações dos trabalhadores dessa empresa. Isso contribuirá para conquistarem cada vez mais a simpatia das massas.

Quanto às empresas onde não há organização do Partido, os nossos camaradas dos quadros regionais, locais e de zona, devem estabelecer ou aproveitar o já estabelecido contacto com os trabalhadores (embora não comunistas) de cada empresa e interessá-los a que, na sua empresa, elaborem, de acordo com os trabalhadores, os seus cadernos de reivindicações. Esse contacto pode fazer-se, em muitos casos, dum forma quase legal, procurando qualquer trabalhador sério dum empresa, mostrando-lhe a necessidade da classe operária apertar as suas armas de luta para os novos combates



que se avizinham, etc.

Os cadernos de reivindicações consistem numa lista com a enumeração muito concreta das reivindicações particulares e fundamentais dos trabalhadores de cada empresa. Por exemplo: quanto querem que seja aumentado o salário, quais as cláusulas dos contratos colectivos que desejam que sejam abolidas ou modificadas e, neste caso, em que sentido devem ser modificadas, os encarregados que pelas suas violências devem ser despedidos, etc., etc.

Os cadernos de reivindicações não devem ser elaborados segundo a opinião única dum camarada, simpatizante ou trabalhador progressista. Eles devem ser elaborados com o conhecimento e participação do maior número possível de trabalhadores da empresa, pela totalidade, se não houver inconvenientes muito especiais. A elaboração dos cadernos de reivindicações deve constituir um importante factor para não deixar adormecer no espirito das massas

a combatividade demonstrada nas grandes greves, para lhes levantar a vontade de tornar a ofensiva contra a exploração patronal e fascista, para desde já criarem a ideia nas massas de que se avizinha o momento de desencadear lutas ainda mais poderosas.

A elaboração dos cadernos de reivindicações constitui também um magnífico elemento para fortalecer as ligações do Partido com as empresas onde não há organização e para fortalecer, dentro de cada empresa, a ligação da organização do Partido com as massas sem-partido.

É necessário que todos os camaradas se convençam de que não há tempo a perder. Aproximam-se novas grandes lutas. Todas as organizações e camaradas do Partido se devem lançar decididamente ao trabalho. Urge elaborar os cadernos de reivindicações do maior número possível de fábricas e empresas. De cada caderno deve ser enviado um exemplar ao Secretariado do CC do P.

## VIRAGEM NO TRABALHO JUVENIL

O movimento da juventude é um aspecto importantíssimo da luta operária e da luta popular anti-fascista. A juventude tem interesses e aspirações próprias que se devem ter muito em conta. O Partido, como vanguarda da classe operária, tem de olhar com toda a atenção para os problemas da juventude laboriosa, para o movimento juvenil. Esta ideia deve ser compreendida por todos os camaradas do Partido, particularmente pelos camaradas das organizações regionais, locais e de zona.

De acordo com a Direcção da FJC, o CC do Partido está estu-

dando uma profunda viragem nas formas de organização juvenil no que respeita a direcção, controle e relações dos organismos do Partido com o movimento juvenil. Reconhece-se que o aparelho ilegal de direcção da FJC se tem revelado, nas condições presentes, absolutamente incapaz de formar um amplo movimento da juventude laboriosa. Reconhece-se também que esse mesmo aparelho se tem revelado incapaz de criar uma organização à escala nacional ou qualquer movimento à escala nacional. Esta incapacidade do sistema aparece claramente no facto de a FJC contar com um número



mais que reduzido de organizações de empresa e de estar praticamente restringida à região de Lisboa. O sistema de alargamento da organização da FJC que consiste em cada organização do Partido arranjar um jovem para ligar à FJC revelou-se completamente ineficaz. Durante muitos meses esse sistema foi aplicado tendo como único fruto que em todo o país uma meia dúzia de jovens ligada à FJC sem que, com isso, fosse dado qualquer desenvolvimento ao movimento juvenil.

O CC do Partido, de acordo com a Direcção da FJC, entendeu que as organizações do Partido podem e devem ter um papel decisivo na criação dum movimento juvenil nacional. Para isso, devem elas próprias criar, desenvolver e orientar o movimento juvenil na sua região, localidade, bairro ou empresa. Não se trata de cada organização do Partido arranjar um jovem para ligar à FJC. Trata-se sim de cada organização do Partido fomentar o desenvolvimento da actividade de conteúdo juvenil, criar organismos juvenis e orientar directamente a sua actividade. Excluimos disto a organização estudantil e certos movimentos legais, que, pela amplitude que já atingiram, deverão continuar ligados a quadros ilegais do movimento juvenil.

Nesta viragem há que considerar separadamente o caso das localidades onde há organização da FJC e aquelas onde a não há.

Nas localidades onde há organização da FJC, esta deve ficar ligada directamente à direcção do trabalho local do Partido, devendo mesmo em alguns casos, os melhores camaradas da FJC ser admitidos no Partido ficando res-

ponsáveis perante o Partido pela actividade juvenil. Nesses locais deve terminar-se com o aparelho de recepção de imprensa próprio da FJC, bastando que haja um responsável local juvenil da distribuição ligado a um camarada da organização da distribuição local do Partido. Para os raros casos em que há organizações da FJC e não há do Partido, encara-se a permanência da ligação e controle com quadros ilegais da FJC.

Nas localidades e empresas onde não há organização da FJC, as organizações do Partido devem interessar-se muito seriamente pela criação de movimentos juvenis. Não se trata de criar imediatamente um aparelho ilegal da FJC. Trata-se sim de encontrar em toda a parte formas de mobilizar as massas juvenis, formas de levar a juventude laboriosa à luta pelos seus interesses vitais.

Isto não se faz, sem dúvida, sem a criação de organismos juvenis para fomentarem e orientarem cada luta. Mas esses organismos não devem ser grupos ilegais com um funcionamento semelhante aos organismos do P., constituindo um partido de jovens como em muito lado tem sido a FJC, mas antes os mais variados organismos legais e semi-legais, a que pertençam jovens progressistas, mesmo que não sejam ainda capazes dum trabalho ilegal e conspirativo. Assim, nas empresas, é de aconselhar a formação de Comissões e Comitês de Aprendizagem, etc. (ligados e orientados pela célula do Partido da respectiva empresa), que devem agir estreitamente ligados à juventude da empresa e ter como missão desencadear movimentos reivindicativos de carácter juvenil dentro da empresa. Nas



várias localidades, as organizações do Partido devem ligar uma especial atenção à actividade de conteúdo juvenil nas organizações de massas (sociedades desportivas, recreativas, etc.).

Mas esta viragem no trabalho de direcção e contróle do movimento juvenil, não pode ser eficaz, se as organizações do Partido continuam a enfermar da incapacidade e desinteresse que têm revelado na quasi totalidade no que respeita à actividade juvenil. Há organizações regionais, locais, de zona e de empresa do Partido que, tendo um trabalho regular durante muitos meses e até anos, nada fizeram ainda no que respeita ao movimento juvenil. Há outras organizações do Partido, em locais onde existe paralelamente organização da FJC, que, não só nada fizeram para auxiliar os camaradas da FJC, como até por vezes prejudicaram a sua acção com «directrizes» sectárias, susceptíveis de criar no espírito dos nossos jovens camaradas idéias de menos consideração pela actividade e papel de vanguarda do Partido e de

alimentar inclusivamente idéias de «rivalidade» em relação ao Partido.

Esta situação tem de se modificar radicalmente se queremos de facto criar um amplo movimento juvenil nacional. As organizações do Partido têm de habituar-se a preocupar-se com o movimento juvenil, encontrando formas de o desenvolver. Cada organismo do Partido deve tornar-se um verdadeiro organismo dirigente (pela capacidade e bom trabalho e não pela autoridade que lhe vem do nome do Partido) do movimento juvenil na respectiva região, localidade ou empresa.

Para auxiliar esta transformação, encaixa-se a divulgação, para estudo, por todas as organizações do Partido, de materiais sobre o movimento juvenil. Um jornal ilegal da juventude, jornal não só de jovens comunistas, mas sim um jornal de toda a juventude, é também encarado pelo CC do Partido e pela Direcção da FJC, como podendo ser, nas circunstâncias presentes, um factor muito positivo para a criação de movimentos juvenis de massas.

—————

## URGE TRABALHAR NAS FORÇAS ARMADAS

As grandes greves de outubro-novembro de 1942 e de julho-agosto de 1943, as lutas dos proletários rurais do Ribatejo e dos camponeses pobres do norte do país, as lutas das mulheres pelos generos e muitos outros importantes movimentos de massas, mostram que a situação revolucionária está a aduzir-se rapidamente e que estamos à beira duma crise revolucionária. A situação internacional, que se inclina com velocidade crescente a favor da causa anti-fascista, contribue poderosamente para este rápido amadure-

cimento.

Nestas circunstâncias, a actividade nas forças armadas adquire uma importância capital. É com as forças armadas que o fascismo conta para reprimir os movimentos populares e para se opor ao levantamento da nação portuguesa contra o seu regime de fomes e exploração.

Mas, também nas forças armadas se reflecte a situação nacional e internacional e são cada vez mais abundantes os casos que mostram que as forças armadas não só não dispõem incondicionalmen-



a reprimir os movimentos populares, como se começam a revoltar contra o estado fascista. Assim, durante as greves de julho-agosto, houve inúmeros casos em que os polícias civicos, os guardas republicanos e os soldados, se recusaram a usar da violência sobre os trabalhadores, se recusaram a cumprir ou iludiram as ordens superiores nesse sentido. Também presentemente, nas manobras do exército, se estão verificando cada dia acções de resistência dos soldados. Um grande descontentamento contra o govêrno fascista lavra entre as forças armadas. Estes factos mostram que há condições muito favoráveis para a nossa actividade nas forças armadas, que tem sido o mais frouxo trabalho do Partido, desde a reorganização.

As nossas tarefas imediatas são:

1 — Lançar rapidamente as bases dum a organização nacional nas forças armadas, estabelecendo conforme os casos células do Partido ou Comitês de Unidade de oficiais, sargentos e soldados, ma-

rinheiros, guardas republicanos e policias civicos. Assegurar imediatamente a ligação com camaradas e simpatizantes nas várias unidades. Para que esta organização possa rapidamente ser criada e desenvolvida, põe-se como tarefa a tôdas as organizações do Partido indicarem ao Secretariado do CC todas as ligações e a forma de estabelecer contacto com camaradas e simpatizantes nos vários quartéis e barcos, tendo muito especialmente em conta os camaradas que são mobilizados e se afastam assim do trabalho local ou de empresa.

2 — Fazer uma intensa agitação dentro das forças armadas, no sentido de as levar a negarem-se a reprimir os movimentos populares e a intensificarem as suas lutas contra os maus soldados, a má alimentação, as arbitrariedades e violências dos superiores, etc. Esta agitação deve ser feita por intermédio da imprensa ilegal do Partido e da acção dos camaradas e simpatizantes dentro de cada unidade.

— 52 —

## DUAS PALAVRAS DE ORDEM ERRADAS DA ORGANIZAÇÃO DE X

UMA das medidas repressivas decretadas pelo govêrno salazarista para dominar as grandes greves de julho-agosto foi o encerramento das fábricas, o despedimento massivo de todos os trabalhadores em greve e a abertura duma inscrição individual para nova admissão do pessoal (Comunicação do Ministério da Guerra de 29 de julho de 1943).

O que tinha em vista o govêrno fascista ao decretar estas medidas?

Procurava, por um lado, um efeito político, transformando a greve em lock-out. Isto é: orde-

nando o encerramento das fabricas e os despedimentos em massa, o govêrno podia passar a afirmar que os trabalhadores não se encontravam mais em greve, pois fôra êle, govêrno fascista, que fechara as fábricas e não autorizava a retomada do trabalho.

Procurava, por outro lado, depurar o pessoal de cada fábrica, dos trabalhadores mais sérios e conscientes. Isto é: não sendo o pessoal readmitido em bloco, mas sim individualmente mediante nova inscrição, o patronato e o fascismo podiam cortar das listas de



inscrição os nomes dos trabalhadores mais sérios e conscientes. (O governo tinha já feito prender milhares de trabalhadores, mas, na impossibilidade de os manter todos na prisão, procurava com esta medida, roubar-lhes quaisquer possibilidades de vida).

Procurava ainda, dominar pela fome o espírito combativo das massas trabalhadoras. Isto é: uma vez que os trabalhadores se decidissem a retomar o trabalho, o governo manteria as fábricas fechadas, «castigando» com a fome as famílias operárias.

Procurava, finalmente, impedir que o patronato atendesse as reivindicações operárias.

Como poderiam os trabalhadores em greve responder a estas medidas fascistas?

O manifesto do Secretariado do Comité Central do Part. do lançou as seguintes palavras de ordem:

«Que nenhum operário ou operária aceite ser admitido individualmente na sua fábrica. Que nenhum trabalhador aceite ser admitido numa fábrica onde não trabalhava antes da greve. Que nenhum trabalhador seja despedido. Que todo o pessoal das fábricas e empresas continue sendo o mesmo».

Estas foram as consignas lançadas pelo Partido e que indicavam o sentido em que se devia desenvolver a luta dos trabalhadores.

Mas os camaradas dirigentes da localidade de X não o entenderam assim. Os camaradas dessa localidade, antes de terem conhecimento das directrizes da Direcção do Partido, lançaram a palavra de ordem:

**“Inscrição em massa em cada fábrica!”**

O que pretendiam os nossos ca-

maradas com esta palavra de ordem? Eles julgavam que, uma vez feita a inscrição em massa, as fábricas reabririam imediatamente, podendo então os trabalhadores ocupar de novo os seus lugares para continuarem em greve. Isto foi um erro tremendo, que mostra que os nossos camaradas de X não compreenderam o alcance das medidas fascistas, nem a situação que então se apresentava. Os camaradas de X, em vez de procurarem levantar o ânimo das massas e dirigir a combatividade das massas, o sentido duma luta cada vez mais decidida contra a exploração e terror fascistas, em vez de desmascararem as medidas fascistas e organizar a resistência contra elas, lançaram uma palavra de ordem que equivalia a querer conduzir as massas para um recuo desorganizado e em pânico, colocando as massas a reboque das medidas de repressão do fascismo. Isso contribuiu para que o fascismo pudesse aplicar em X, sem encontrar uma séria resistência, as suas medidas para sufocar a greve.

Reagindo contra esta consigna dos camaradas de X, alguns trabalhadores combativos da mesma localidade começaram a vulgarizar uma outra consigna: **“Entre-guemo-nos em massa à prisão”**. Esta consigna acabou por ser discutida e aprovada pela organização do Partido em X.

O que pretendiam os nossos camaradas com esta palavra de ordem? Pretendiam generalizar de tal modo as medidas repressivas que todos os trabalhadores fossem por elas igualmente atingidos, de forma que os mais destacados não sofressem medidas de excepção. Isto foi um erro grave.